



resenhas

ECO-PÓS 2002

Modernizando a Imprensa no Brasil

Cíntia Carvalho de Assis

Considerando o volume ainda reduzido de trabalhos acadêmicos sobre a trajetória da Imprensa – seja no âmbito da Comunicação, seja no contexto histórico – a tese de Ana Paula Ribeiro, sobre a história dos meios de comunicação, surge em um momento oportuno, tornando-se uma contribuição valiosa para a compreensão dos caminhos da Imprensa no Brasil e, mais especificamente, no Rio de Janeiro.

A autora escolheu a década de 50 porque é apontada pela historiografia da imprensa como um momento de profundas transformações do jornalismo nacional, sobretudo carioca. As reformas redacionais, gráficas e editoriais do *Diário Carioca*, em 1950, e do *Jornal do Brasil*, em 1956, bem como o surgimento de jornais inovadores, como a *Tribuna da Imprensa*, em 1949, e a *Última Hora*, em 1951, são considerados marcos inaugurais de uma nova fase da imprensa brasileira.

Foi nesse período que se implantou o modelo norte-americano no jornalismo nacional, provocando não só a modernização das empresas e dos textos, mas também a profissionalização dos jornalistas e a constituição de todo um ideário sobre o que era o jornalismo e qual era a sua função social.

As reformas dos anos 50 assinalaram a passagem do jornalismo político-literário para o empresarial. A imprensa abandonou definitivamente a tradição de polêmica, de crítica e de doutrina e a substituiu por um jornalismo que privilegiava a informação (transmitida “objetiva” e “imparcialmente” na forma de notícia) e que a separava (editorial e graficamente) do comentário pessoal e da opinião. No seu conjunto, essas mudanças parecem apontar para o processo de autonomia do campo jornalístico, sobretudo em relação às esferas políticas e literárias, que até então o dominaram.

No decorrer desse estudo, a autora questiona até que ponto essas transformações representaram, de fato, uma ruptura radical com o modo anterior de fazer jornalismo. O que traziam estruturalmente de novo e o que representavam de continuidade em relação ao período anterior? Qual é o significado do conjunto dessas reformas (administrativas, redacionais, editoriais, gráficas e profissionais)? O que as impulsionou? Será que elas respondiam à mesma lógica de transformação do jornalismo nos países capitalistas avançados? Será que a racionalização da produção conduzia para a implantação de um jornalismo de massa no país, para a incorporação da imprensa na esfera da indústria cultural? Ou será que a modernização do jornalismo nacional obedeceu a impulsos de outra ordem?

RIBEIRO,
Ana Paula
Goulart.

*Imprensa e
história no
Rio de
Janeiro dos
anos 50*

Rio de Janeiro,
Tese de doutorado-
ECO/UFRJ,
2001

Segundo a hipótese central da sua investigação, foi ancorada nesse modelo norte-americano – centrado nos conceitos de objetividade e imparcialidade – que a imprensa (e a mídia jornalística em geral) se constituiu como um dos principais campos discursivos do nosso tempo, fundando sua legitimidade social e sua deontologia.

A modernização – gráfica, editorial, lingüística e empresarial – da década de 50 representou para a imprensa a construção de um lugar institucional que lhe permitiu, a partir de então, enunciar “oficialmente” as verdades dos acontecimentos e se constituir como o registro factual por excelência. Essas mudanças constituíram um momento fundador, a partir do qual o jornalismo se afirmou enquanto fala autorizada em relação à semantização do real.

Para a autora, o discurso jornalístico passou a se revestir de uma aura de fidelidade aos fatos, o que lhe conferiu um considerável poder social. Hoje, é principalmente por meio das suas operações discursivas, que se realiza o trabalho de investimento de sentido sobre as transformações da realidade. Isso só foi possível a partir do momento em que o jornalismo se constituiu como um campo específico, com um certo grau de autonomia em relação ao campo literário e ao político. Quando se transformou numa instância discursiva própria, o jornalismo assegurou as condições sociais da sua eficácia simbólica.

Ribeiro acredita que os efeitos da objetividade e da neutralidade do discurso jornalístico – produzidos a partir das novas técnicas redacionais – foram em grande parte responsáveis pela acolhida que ele passou a ter. A própria intenção (ou presunção) de objetividade – constantemente reafirmada nos espaços de auto-referenciação – se tornou, para quem consumia notícia, uma certa garantia. É importante esclarecer que a autora, ao abordar a questão da objetividade, não teve como objetivo fazer uma crítica a esta idéia. O mito da objetividade, certamente já foi amplamente discutido, não só no campo da teoria do jornalismo, mas em todas as ciências sociais.

O objetivo do trabalho é refletir de que forma o jornalismo carioca - e, por extensão, o brasileiro - criou, nos anos 50, o imaginário da objetividade e da referencialidade, e como construiu a expectativa dos seus leitores em torno dessas idéias. A autora partiu da mesma pergunta que Michael Schudson se fez, ao estudar o caso dos jornais norte-americanos: “que tipo de mundo é o nosso e que tipo de instituição é o jornalismo para sustentar esses ideais?”.

O trabalho também mostra como, ao se tornar hegemônico, o modelo norte-americano sofreu um processo de adaptação e naturalização. Ao analisar quatro periódicos – *Diário Carioca* (1928-1965), *Última Hora* (1951-1972), *Jornal do Brasil* (1891) e *Tribuna da Imprensa* (1949) -, a autora

priorizou a linguagem como uma instância constitutiva e produtora da realidade; ou seja, a entendeu não como um meio (lugar de passagem ou de veiculação de conteúdos previamente existentes), mas sim como um lugar (o lugar por excelência) de atualização das forças sociais. Através dos seus rituais de luta, o sentido se produz e se desloca constantemente na dinâmica de funcionamento discursivo. E é através desses deslocamentos que as estruturas vão se engendrando (pela designação de atores, de pontos de vista, de verdades, de saberes). Em outras palavras, analisar os processos através dos quais o jornalismo seleciona e semantiza os acontecimentos é, portanto, também analisar a dinâmica através da qual ele se instituiu (e se reconstitui cotidianamente) enquanto um campo próprio, relativamente autônomo em relação a outros campos, como o literário e o político.

Nesse estudo, portanto, não se pretendeu discutir a questão do estilo (técnica do *lead*, da pirâmide invertida, etc.) como uma forma de falsa consciência, uma forma de “encobrir” as verdadeiras relações do texto com o real que ele descrevia, embora fique evidente que se tratasse de uma ideologia de jornalismo e isso será dado como um pressuposto no texto. A preocupação que orienta esta pesquisa diz respeito, antes, aos efeitos dessa ideologia sobre o mundo real. Ou seja, como ela construía lugares, instituições, instaurava papéis e distribuía poderes. É interessante pensar como a idéia da objetividade – mesmo tendo sido amplamente criticada e questionada – ainda hoje condiciona as práticas dos jornalistas.

Ribeiro conclui que o processo de implantação do jornalismo “moderno” não se deu, no entanto, de forma homogênea, plástica e totalmente harmônica. Foi perpassado, como mostra este trabalho, por conflitos, disputas e ambigüidades. A incorporação do modelo norte-americano de jornalismo encontrou limites na configuração histórico-cultural da sociedade brasileira e na própria estrutura das empresas de comunicação. O seu ideário e suas regras de conduta, quando importados, tiveram que ser totalmente redefinidos e ressemantizados.

Para finalizar, é importante lembrar que as três dimensões da reforma (a empresarial, a técnica e a profissional), apesar de estarem obviamente interligadas, fazendo parte de um mesmo processo de transformações do jornalismo brasileiro, tiveram dinâmicas e ritmos próprios. Além disso, adquiriram importância e características específicas nos diferentes jornais pesquisados pela autora.

CÍNTIA CARVALHO DE ASSIS é mestranda do Programa de Pós-Graduação ECO/UFRJ.

ANA PAULA G. RIBEIRO é professora e recém-doutora do Departamento de Comunicação da UFF.